

Machado de Assis

.....

COMENTÁRIOS DA SEMANA



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO FERREIRA COSTA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

EDUARDO DELGADO ASSAD – JOSÉ A. R. GONTIJO

JOSÉ ROBERTO ZAN – MARCELO KNOBEL

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Machado de Assis

COMENTÁRIOS DA SEMANA

ORGANIZAÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS

Lúcia Granja e Jefferson Cano

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

As76c Assis, Machado de, 1839-1908.
Comentários da semana / Machado de Assis; organização: Lúcia Granja e
Jefferson Cano. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

1. Ficção brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. Literatura brasileira – Séc.
XIX – História e crítica. 4. Brasil – História – Séc. XIX. 5. Imprensa –
Brasil – História. I. Granja, Lúcia. II. Cano, Jefferson. III. Título.

CDD B869.341
B869.09
981.05
079.81

ISBN 978-85-268-0790-7

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira	B869.341
2. Crônicas brasileiras	B869.341
3. Literatura brasileira – Séc. XIX – História e crítica	B869.09
4. Brasil – História – Séc. XIX	981.05
5. Imprensa – Brasil – História	079.81

Copyright © by Organizadores
Copyright © 2008 by Editora da UNICAMP

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada
em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da UNICAMP
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus UNICAMP
Caixa Postal 6074 – Barão Geraldo
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

Agradecimentos

Este trabalho foi concebido dentro de um projeto mais amplo, intitulado “As crônicas de Machado de Assis: história e literatura na imprensa do Brasil oitocentista”, que foi desenvolvido entre 2005 e 2007 e contou com o auxílio do CNPq, concedido por meio de um edital universal, processo nº 475.224/2004-3. Sua realização não teria sido possível sem esse auxílio, e certamente o resultado não teria sido o mesmo sem a leitura atenciosa e crítica e as sugestões recebidas dos demais membros da equipe: seu coordenador Sidney Chalhoub, Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Ana Flávia Cernic Ramos.

A redação das notas e da introdução do texto beneficiou-se ainda da generosidade de vários colegas, como John Gledson, João Roberto Faria, Marcelo Sandmann, Maria Luiza Medeiros Pereira, Maria Celeste Tomasello Ramos, Paulo Franchetti e Sheila Grillo, a quem deixamos registrados nossos agradecimentos.

Agradecemos também aos bolsistas e estagiários do CECULT (Centro de Pesquisa em História Social da Cultura — IFCH-UNICAMP) incumbidos da digitação das crônicas, especialmente a Flávia Renata Peral, responsável pelo apoio técnico a este projeto, bem como aos funcionários do AEL (Arquivo Edgard Leuenroth — IFCH-UNICAMP), cujo bom atendimento nos ajudou diretamente neste trabalho.

Por fim, agradecemos aos colegas e alunos de Lúcia Granja, no Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários e no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, São José do Rio Preto, pela paciência com que conviveram e convivem com suas constantes viagens de pesquisa à UNICAMP.

Sumário

Nota à edição	9
Introdução	11

COMENTÁRIOS DA SEMANA

Crônica 1 – Sábado, 12 de outubro de 1861	53
Crônica 2 – Sexta-feira, 18 de outubro de 1861	63
Crônica 3 – Sábado, 26 de outubro de 1861	71
Crônica 4 – Sexta-feira, 1º de novembro de 1861	77
Crônica 5 – Domingo, 10 de novembro de 1861	87
Crônica 6 – Quinta-feira, 21 de novembro de 1861	99
Crônica 7 – Segunda-feira, 25 de novembro de 1861	105
Crônica 8 – Domingo, 1º de dezembro de 1861	113
Crônica 9 – Segunda-feira, 11 de dezembro de 1861	119
Crônica 10 – Sábado, 16 de dezembro de 1861	127
Crônica 11 – Domingo, 24 de dezembro de 1861	133
Crônica 12 – Sexta-feira, 29 de dezembro de 1861	141
Crônica 13 – Terça-feira, 7 de janeiro de 1862	149
Crônica 14 – Terça-feira, 14 de janeiro de 1862	155
Crônica 15 – Domingo, 26 de janeiro de 1862	161
Crônica 16 – Sábado, 22 de fevereiro de 1862	173
Crônica 17 – Domingo, 2 de março de 1862	181
Crônica 18 – Segunda-feira, 24 de março de 1862	187

Crônica 19 – Terça-feira, 1º de abril de 1862	197
Crônica 20 – Segunda-feira, 5 de maio de 1862	203
Índice de assuntos.....	209
Índice onomástico.....	211

Nota à edição

Editar uma série de crônicas é tarefa laboriosa, que se desdobra e cresce em seus próprios detalhes. Em um sentido, pelo menos, é também um trabalho difícil, pois implica necessariamente tomar decisões a respeito das notas explicativas que devemos criar. Sem dúvida, precisamos delas para tornar inteligíveis esses textos jornalísticos, escritos, como definiu José de Alencar, “ao correr da pena para serem lidos ao correr dos olhos”. No entanto, imaginando que os leitores que aqui chegarem serão de diversos tipos e idades, e terão variados interesses, torna-se quase insensato colocarmo-nos a adivinhar que informações faltariam a uns e outros.

Assim sendo, aproveitamos a oportunidade para deixar claros alguns critérios que adotamos para esta edição, a fim de que o texto machadiano possa ser o mais útil e legível possível aos leitores em geral e pesquisadores das variadas áreas.

Em relação ao estabelecimento dos textos, atualizamos a ortografia, a não ser em alguns nomes próprios, tanto de pessoas quanto de publicações. A pontuação usada no século XIX, bem como alguns usos de concordância, de sintaxe e de regência, que ao leitor de hoje parecerão fora do padrão da norma culta, também foi rigorosamente mantida, de acordo com o texto do jornal. A intenção nesses casos foi, além de respeitar ao máximo o escrito machadiano, ajudar os pesquisadores que tenham interesse em utilizar esse material como fonte de pesquisas, sobre a linguagem, por exemplo.

Para as notas explicativas, estabelecemos variados critérios. O trabalho de anotar as crônicas, como já sabemos, implica escolhas e, nesse sentido, oferecemos informações e explicações tendo em mente aquelas que imaginamos serem necessárias. Dessa forma, ao decidir sobre o que deveríamos anotar e explicar, imaginamos dialogar com um estudante-leitor universitário em formação. Isso explicará por que, nas referências literárias, passamos sumariamente por algumas informações, enquanto nos demoramos mais em outras.

Ainda em relação às notas, o uso de fontes primárias foi outra decisão importante: priorizamos os jornais da época, citando seu texto sempre que possível, em vez de parafraseá-los. Os jornais, como se pode imaginar, não foram suficientes para explicar todas as dúvidas suscitadas pelas crônicas e, nesses casos, sempre tentamos manter a preferência pelas fontes mais próximas possíveis às citações, alusões e referências em geral. De modo genérico, transcrevemos em cada nota nossa fonte de pesquisa. Já nos casos em que tais referências não aparecem, estamos diante da informação repetida por várias fontes de comum acesso.

Em relação às palavras e expressões, procuramos explicar aquelas pertencentes a línguas estrangeiras, a não ser que fossem de conhecimento comum. No caso de palavras em língua portuguesa e seus usos, preferimos explicar apenas as que não fossem, atualmente, dicionarizadas ou previstas pela gramática normativa.

Como perceberá nosso leitor, tivemos que encerrar o trabalho sem identificar absolutamente todas as referências que Machado incorpora ao seu escrito jornalístico, mas a maioria delas ficará às claras para o leitor de hoje. Assim, todo o trabalho terá valido a pena, pois já existe ao menos a possibilidade de que essas crônicas sejam lidas e entendidas por mais que os cem leitores de Stendhal ou os cinco que Brás Cubas vaticina para si.

*Lúcia Granja
Jefferson Cano*

Introdução

*Lúcia Granja
Jefferson Cano*

Em outubro de 1861, Machado de Assis assumiu, pela primeira vez, a função de cronista de variedades. Tinha 22 anos e se achava envolvido já há algum tempo com a publicação de variados textos nos periódicos do Rio de Janeiro. Apresentamos ao público essas crônicas iniciais, anotadas tanto quanto possível, a fim de tornar sua leitura e compreensão viáveis aos leitores que chegam a elas hoje, quase 150 anos depois de sua publicação no jornal. Não será necessário demonstrarmos aqui a importância de editar essas primeiras crônicas; a envergadura de seu autor já é razão suficiente para a edição de todos os seus textos. Mas, caso fosse necessário justificar, não seria difícil e, cremos, nosso leitor concordará com isso ao surpreender-se com a pena afiada, ousada e precisa do jovem Machado, traçando linhas de um vivo interesse histórico e retórico.

Estes textos só foram editados, até este momento, nas *Obras completas* da Jackson, cuja primeira edição é de 1937. No entanto, essa edição, que reúne mais de 2 mil páginas de crônicas — em quatro volumes intitulados *Chronicas* e mais três dedicados à série “A semana” —, sofre com a falta de notas e vários erros em relação à reunião e estabelecimento dos textos. No caso dos “Comentários da semana”, a primeira série com a qual Machado colaborou para o *Diário do Rio de Janeiro* (ele seria ainda o cronista de uma nova série, “Ao

acaso”, nesse mesmo jornal, entre 1864 e 1865), a edição da Jackson está incompleta, faltando cinco crônicas: por algum motivo, a série inicia apenas na quarta crônica, de 1º de novembro, ignorando as de 12, 18 e 26 de outubro de 1861; ficou de fora também a crônica de 11 de dezembro de 1861, enquanto a de 22 de fevereiro de 1862 foi transferida pelo editor da Jackson para o volume de “Crítica literária” das *Obras completas*, embora o texto tenha sido publicado no jornal sob o mesmo título de série das demais. Jean-Michel Massa encontrou essas crônicas faltantes e as publicou em 1965, mas só agora foram todas elas reunidas e publicadas de forma completa.¹

Do anfitrião e de como foram servidos os pratos do banquete

Usando o pseudônimo *Gil*, Machado escreveu, dentro da série “Comentários da semana”, as crônicas de 12, 18 e 26 de outubro, 1º, 10, 21 e 25 de novembro e 1º e 11 de dezembro de 1861. Depois desses nove textos, mudou curiosamente a sua subscrição para *M.A.*, e assim assinou os textos de 16, 24 e 29 de dezembro e, já no ano de 1862, os de 7, 14 e 26 de janeiro, 22 de fevereiro, 2 e 24 de março, 1º de abril e 5 de maio. Não é possível sabermos o exato motivo da mudança de pseudônimo, uma vez que a série não foi interrompida ou modificada. José Galante de Sousa já argumentou não haver dúvida de que fossem de Machado todos os artigos, sob uma ou outra assinatura:

[...] A partir de 16-12-1861, tais artigos passam a ser subscritos por M.A.

Entre uns e outros, não há diferença no estilo; nota-se em todos, até, o hábito, que tem o cronista, de falar na 1ª pessoa do singular. Além disso, no primeiro artigo subscrito por M.A., encontra-se a seguinte passagem: “Depois da minha última revista, nada se deu que mereça uma menção ou um comentário”. Essa “minha última revista” é justamente a de 11 de dezembro de 1861, subscrita por Gil.

Temos ainda mais uma prova. Salvador de Mendonça, no trabalho intitulado “O Barbeiro de Sevilha” (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio, 9-9-1866), dirige-se a Machado de Assis nestes termos: “conhecia-te o engenho múltiplo que deu à luz os *Desencantos* e os *Comentários da Semana*, as *Chrysalidas* e as *Semanas Literárias*.”

Para concluir, lembremos que Teixeira e Melo consigna o pseudônimo, no seu trabalho *Anônimos e Pseudônimos mencionados no Dicionário Bibliográfico de Inocência e em outros opúsculos e obras* (manuscritos da B.N.).²

Os argumentos são convincentes, e não há, pelo que sabemos até agora, motivos para desconfiar que *Gil* ou *M.A.* não fossem Machado, e que tivesse havido, portanto, uma troca de cronistas entre 11 e 16 de dezembro de 1861. Além disso, há seqüência e coerência entre as idéias de “ambos”. Um exemplo é a questão do apoio estatal ao desenvolvimento do teatro nacional. Em 16 de dezembro, quando uma comissão nomeada pelo governo estudava a questão, *M.A.* saiu em defesa da subvenção para o teatro, polemizando com a opinião oposta, de Macedo Soares, que havia sido expressa em artigo publicado no *Correio Mercantil*:

Essa opinião, sinto dizê-lo, devia ser a última lembrada, se merecesse ser lembrada.

[...]

Criar no teatro uma escola de arte, de língua e de civilização, não é obra da concorrência, não pode estar sujeita a essas mil eventualidades que tem tornado, entre nós, o teatro uma coisa difícil e a arte uma profissão incerta.

É na ação governamental, nas garantias oferecidas pelo poder, na sua investigação imediata, que existem as probabilidades de uma criação verdadeiramente séria e seriamente verdadeira.³

Na crônica de 24 de dezembro, embora dizendo que escapará ao debate com Macedo Soares, o cronista reafirmaria sua discordância com o outro articulista, para quem o teatro, como qualquer outra forma de iniciativa comercial, deveria sujeitar-se à lei da livre concorrência:

Mas a que chegaremos nós? O Sr. Macedo Soares nos seus dois últimos artigos, não pôde, apesar do seu talento e da sua ilustração, demonstrar que o teatro não escapa à lei econômica que rege as corporações industriais; eu continuo convencido do contrário. E pelas condições deste escrito não me é dado estabelecer uma discussão sobre a matéria; com as minhas espaçadas aparições o debate seria fastidioso.⁴

Já na crônica de 1º de dezembro de 1861, a oitava da série, *Gil* elogiara entusiasmado a formação da comissão de que fala acima o cronista e, para Machado, que andava nessa época tão envolvido com os teatros,⁵ a medida desse entusiasmo devia ser proporcional à seriedade e gravidade com a qual sairia em defesa dos privilégios governamentais para o teatro, atacando as opiniões de Macedo Soares em relação aos membros da comissão e à subvenção do governo para o teatro. Nesse caso, embora saibamos que Machado certamente compartilhava essas idéias com outros escritores do tempo, observamos um alinhamento de posições entre o cronista de 1º de dezembro, que se entusiasmara com a notícia da nomeação da comissão, e aquele que, depois de mudar sua assinatura, iria defender a razão principal da existência dessa comissão, ou a subvenção governamental para o teatro. Dessa maneira, a troca do pseudônimo *Gil* para as iniciais *M.A.* não indica que houvesse qualquer pretensão a mudar também o caráter da série, como não mudaram, de fato, seu conteúdo, seu espaço ou sua função dentro do jornal. É bom que estejamos atentos, porém, para o fato de que a mudança de pseudônimo, como atitude autoral, significa, nesse caso, uma assunção mais clara da paternidade das idéias e do estilo, uma vez que as iniciais iconizam diretamente o autor ou, no mínimo, um autor que com essas letras se pudesse subscrever. Quaisquer que sejam os motivos que tenham levado a essa mudança, ela constitui, portanto, para o cronista estreado, um passo na conquista de sua posição de escritor e intelectual.

Em 1861, as crônicas de Machado ainda não ocupavam o espaço galante do rodapé das páginas do jornal e não tinham dia fixo para aparecer. Assim como poderiam usufruir o nobilíssimo tempo-espá-

ço das páginas do jornal de domingo, apareciam também nos dias comuns, sempre na seção Comunicado, existente na maioria dos jornais da época. Essa seção era publicada em geral após o editorial, a correspondência do exterior e das províncias, as notícias, entre outras seções que vinham, ordinariamente, no início das folhas periódicas. Se não tinha, pois, o destaque do rodapé, a crônica sobressaía-se ocupando o espaço de duas colunas da diagramação do jornal, na maioria das vezes, na primeira página deste. Nessa posição de destaque, é natural que as idéias ali expostas se revestissem de importância e autoridade e, nesse caso, podemos avaliar a dimensão da nova responsabilidade colocada em mãos de nosso escritor e jornalista.⁶

Em sua biografia intelectual da juventude do escritor, Jean-Michel Massa assim descreveu a natureza geral da colaboração de Machado para o *Diário do Rio de Janeiro*:

[...] os *Comentários da Semana* eram uma revista geral de atualidades em que o redator escolhia livremente os seus temas. Como por diversas vezes os comentários de Machado de Assis substituíram o editorial, parece claramente que estas crônicas davam a tendência do jornal. Nestas crônicas, as novidades teatrais ou literárias ocupavam um espaço reduzido, por haver outras rubricas consagradas a esses assuntos. Pela primeira vez a política absorveu o essencial da atividade do jornalista em que se transformou o jovem escritor Machado de Assis. Entre 1861 e 1862 não se pode de maneira alguma falar de absentismo. Era exatamente o contrário.⁷

Esses comentários de Massa, muito acertados no geral, podem ser discutidos em dois pontos. Em primeiro lugar, quanto ao fato de os “Comentários” substituírem o editorial do jornal por diversas vezes. É correto dizer que eles estavam alinhadíssimos com as idéias políticas do *Diário*; no entanto, embora a crônica de Machado pudesse aparecer em dias nos quais o jornal não publicava o editorial, é arriscado falar em substituição de uma coisa pela outra, pois era muito comum, nos periódicos da época, a ausência de um editorial, sendo talvez demasiado inferir que a crônica, nessas ocasiões, ocupasse esse

papel. Outro comentário de Massa que merece cuidado é o de que as novidades teatrais ou literárias “ocupam um espaço reduzido nessas crônicas”. De fato, em cada uma delas, a parte final era reservada às novidades literárias e ao teatro, principalmente à estação lírica, que coincidiu com o período de outubro a dezembro de 1861 das crônicas. Muitas vezes, os espetáculos líricos eram anunciados e comentados pelo cronista no mesmo tom e trazendo as mesmas informações dos textos que os apresentavam ou comentavam no noticiário do jornal, o que sugere que algumas dessas notícias sobre teatro tenham sido redigidas pelo próprio Machado.⁸ Quanto ao mais, Massa aponta, com propriedade, como Machado passava em revista a semana anterior, com vista especial para a política.⁹ Antes, porém, de tratarmos da posição política combativa, característica do estreante cronista, é necessário passar por outra questão, a sua periodicidade.

Esses textos têm uma distribuição, no mínimo, curiosa: são mais constantes nos quatro primeiros meses, de outubro de 1861 a janeiro de 1862, tornando-se muitíssimo irregulares e espaçados entre fevereiro e maio de 1862. Nos primeiros quatro meses, temos a publicação de 15 textos e, durante os três últimos, de quatro apenas. Os intervalos entre as crônicas nunca foram rigorosamente semanais e os “Comentários da semana” poderiam aparecer também com intervalo de quatro dias — como em 21 e 25 de novembro — ou, ainda, tardar 11 ou 12 dias — como entre 10 e 21 de novembro e entre 14 e 26 de janeiro. O mais provável é que, excetuando-se algum problema pessoal que possa ter tido o articulista durante os intervalos mais longos, os “Comentários” se encaixassem na programação do jornal, mais ou menos a cada semana. Isso quer dizer que eles não atendiam necessariamente à demanda da urgência desse ou daquele assunto, e poderiam aparecer em dias de “mar morto e calmaireza”, como definiu o cronista certa vez, parodiando o ministro da Marinha.¹⁰ Longe, portanto, dos dias de acontecimentos vibrantes, até naqueles de “marasmo” a crônica aparecia, o que a define como sendo “de variedades”, embora encontremos nela uma forte inclinação para o comentário político do dia-a-dia.

Interessante observar, ainda, como a velocidade fazia parte dessa produção escrita de Machado, pois é relativamente freqüente que encontremos nesses textos o comentário de notícias publicadas no dia anterior. A crônica de 10 de novembro de 1861, por exemplo, comenta um fato recentíssimo, acontecido no dia 8 e publicado no dia 9 pelo *Diário*: a condecoração do jovem maestro Antonio Carlos Gomes, por mãos do imperador, com a venera da Ordem da Rosa,¹¹ o que equivale a dizer que nosso cronista não escreveu seu texto antes do dia 9, véspera de sua publicação. O mesmo aconteceu em relação à notícia sobre a nomeação da comissão que examinaria a subvenção aos teatros, saída no jornal exatamente no dia da crônica de Machado. Ainda em relação à agilidade e facilidade de redigir que o Machado jornalista adquiriu ao tornar-se escritor “sobre a rama”,¹² a crônica anunciou, antes mesmo de a notícia ser publicada no jornal, o aparecimento de uma nova revista semanal, *A Grinalda*, que sairia das mãos do experiente tipógrafo e editor Paula Brito, e que teria tido, quem sabe, vida longa como a de *A Marmota*, se a morte não tivesse levado o editor em menos de um mês. Machado anunciou, na crônica de 25 de novembro, o lançamento do novo jornal, cuja notícia — redigida e incluída na pauta, quem sabe, pelas mãos do próprio Machado — apareceu no *Diário* só um dia depois da crônica.

A inserção do texto machadiano no ritmo de produção das notícias deixa-nos novamente diante de aspectos interessantes sobre o escritor, seu tempo e seus textos. Em primeiro lugar, faz saltar aos olhos a dimensão diminuta do ambiente em que circulava a intelectualidade brasileira naqueles meados do século XIX; além disso, dá também a dimensão do que era o trabalho do literato, entre textos anônimos ou assinados, nos jornais ou fora deles, circulando pelas câmaras, pelos teatros, por eventos sociais de variada ordem, fazendo ligações entre tudo e entre todos, as quais aproveitaria nos textos que publicava em meio ao noticiário, ou no espaço de uma crônica de variedades.

Por outro lado, essa mesma inserção do trabalho do cronista no caráter geral do periódico, a força de sua convicção política, leva-nos

a outra questão, já tratada pela crítica: o fim dos “Comentários da semana”. Lúcia-Miguel Pereira foi das primeiras a apontar que “Machado, moço, não teve aquele medo de opinar, aquela prudência que todos tomam por um dos seus traços característicos”.¹³ Mas foi Jean-Michel Massa quem viu nessa característica do cronista uma explicação para o fim que teria a primeira série de crônicas de Machado: seu “excesso de engajamento” teria levado o jornal a puni-lo com a censura, do que seriam indícios o espaçamento e, posteriormente, o fim da série:

No dia 22 de fevereiro de 1862, Machado de Assis terminou o seu Comentário exprimindo desgosto e decepção. O parágrafo tinha o título Desgosto pela Política [...].

Que se passou? Não se sabe exatamente, mas o idealismo de Machado de Assis se machucou, seja pela realidade, seja pela atitude dos seus. Daí a náusea que tomou conta dele.

Todavia as crônicas espacejavam: 22 de fevereiro, 2 de março, 24 de março, 1 de abril. E mudavam de direção; agora eram quase que exclusivamente dedicadas à literatura. Depois da crônica de 1 de abril, particularmente cáustica, sobre a inauguração da estátua, calou-se. Só retornou em 5 de maio de 1862, exatamente antes da queda do ministério Caxias. Mostrou-se, então, completamente desabusado;

[...]

Este foi o último *Comentário*.

[...] A alusão a uma crise era discreta, mas expressa, ainda que os motivos aludidos sejam desconhecidos [...] Ele não foi despedido, uma vez que continuou a pertencer à redação do jornal, mas privaram-no de uma tribuna [...] Machado de Assis encontrava-se no Purgatório. Retornou às fileiras, mas no anonimato das notícias anódinas.¹⁴

Como vemos, para Massa, o retorno de Machado ao “anonimato das notícias anódinas” teria sido uma punição, embora ele não use essa palavra. Massa explica ainda que “a pena demasiado afiada” de Machado teria interessado ao jornal enquanto os liberais estavam na oposição, mas “no decurso de 1862 desenhou-se para os liberais

a oportunidade de participar do governo” e, para isso, “talvez fosse preciso mostrar que o grupo não era composto de exaltados, mas sim de homens capazes de assumir o poder”.¹⁵ Embora sugestiva, a interpretação de Massa traz consigo uma certa dose de mito sacrificial sobre a formação de Machado, que tem servido, como sabemos, para explicar de tudo um pouco desse escritor, de seu suposto absentismo político à sua ascensão na vida e na carreira profissional. Retomando hoje essas crônicas, talvez possamos tingir com cores menos fortes a idéia da punição ao jovem jornalista, como veremos mais adiante nesta Introdução.

Apesar de a série não ter, como já dissemos, uma periodicidade muito rigorosa, desde o seu início até o final de janeiro a crônica falhou mais longamente apenas duas vezes: entre 10 e 21 de novembro e entre 14 e 26 de janeiro, tornando-se, a partir dessa data, extremamente irregular. Assim, se o cronista tivesse enfrentado realmente a censura política às suas opiniões, ela poderia ter começado já em janeiro de 1862, mas não há elementos bastantes para afirmá-lo. De concreto, sabemos que a crônica desde então se foi espaçando, voltou aos ataques veementes ao governo por ocasião da inauguração da estátua equestre de d. Pedro I¹⁶ e reapareceu, curta, em 5 de maio de 1862, anunciando que voltava para ficar, mas desaparecendo então para sempre. Nesse seu último texto, Machado anunciava que a política continuaria sendo a “parte principal” da crônica, “atenta à gravidade da situação das questões a ventilar”.¹⁷ Se fora realmente punido com a suspensão, é estranho que nosso cronista continuasse a falar sobre política, em um texto em que sua “pena afiada” voltaria mais cortante do que nunca, praticamente pedindo a queda do ministério Caxias: “Cabe às câmaras provar que o gabinete por inepto não pode continuar na gerência do país, e que não é para fazer um regulamento de condecorações e outras ridicularidades que se põe sete homens à testa da governança de um império”.¹⁸

Por que motivo a direção do jornal deixaria passar um texto como esse depois de impor uma censura tão grave, suspendendo um de seus principais redatores? Por outro lado, a explicação de uma mudança na postura dos liberais, amenizando seu discurso para preparar a chegada ao poder, não faz muito sentido na lógica do regime parlamentar do Império. Se um gabinete se mostrava enfraquecido a ponto de abrir uma crise com o Parlamento, haveria duas opções, ambas igualmente empregadas por Pedro II: ou a dissolução da Câmara com a convocação de novas eleições — situação em que faria mais sentido uma oposição combativa do que moderada — ou a demissão dos ministros e o convite à oposição para compor um novo gabinete — situação em que a moderação do discurso já não seria necessária. Em qualquer hipótese, nada indica que, num momento de crise ministerial, um tom conciliador fosse necessário à oposição, ou mesmo ao imperador, que sempre poderia recorrer, se quisesse, a outros nomes entre os liberais, com outros matizes políticos, e até mais experientes que os do grupo do *Diário*.

Mas, talvez, mais interessante do que dar uma resposta à questão (que, de resto, só faz sentido se aceitamos a hipótese do posterior absentismo machadiano), seja reformulá-la, indagando antes da relação entre o que se lia nos “Comentários da semana” e nas demais seções do periódico, que adentramos a seguir.

Preparativos e malícias da festa

A entrada do jovem Machado de Assis para a redação do *Diário do Rio de Janeiro* dera-se a convite de Quintino Bocaiúva e é bem conhecido o testemunho deixado pelo próprio escritor, que recordava a uma distância de quase 40 anos:

Nesse ano entrara eu para a imprensa. Uma noite, como saíssemos do Teatro Ginásio, Quintino Bocaiúva e eu fomos tomar chá. [...] Ao chá, conversamos primeiramente de letras, e pouco depois de política, matéria